

Grupos e movimentos dividem a Constituinte



Marcondes Sampaio

Divididos em grupos, frentes, blocos, movimentos e turmas, os constituintes — de modo especial os do PMDB — estão procurando conciliar a tarefa de elaboração de uma Constituição com o acompanhamento e debate da crise brasileira e mesmo dos problemas vividos pelos seus próprios partidos ou alianças.

Somente na semana passada foi registrado o surgimento de quatro novos movimentos — dois no PMDB, um no PFL, outro suprapartidário — e uma ameaça de "aborto": o chamado "Centro Democrático" do PMDB que, pela quarta vez em poucos dias, adiou a divulgação de um documento contendo críticas à centralização das decisões pela cúpula partidária e, em particular, pelo presidente Ulysses Guimarães.

O documento do "Centro Democrático" talvez nem seja tornado público porque forte parcela dos seus signatários prefere que o texto fique restrito ao conhecimento desse grupo mais conservador do PMDB, não sendo mais distribuído à imprensa.

A eventual inviabilização do "Centro Democrático" seria na realidade mais uma tentativa frustrada de aglutinação dos peemedebistas em grupos orgânicos. Há vários antecedentes de fracasso ou descaracterização desses grupos, o último dos quais foi o chamado "Pró-soberania", articulado no início dos trabalhos da Constituinte para assegurar o caráter soberano dessa Assembleia, mas que acabou negociando tal prerrogativa com o Palácio do Planalto.

Além do "Centro Democrático", estão em gestação no PMDB o "Movimento Nacionalista de Unidade Nacional" e o grupo "Força Nova", formado por constituintes que estão cumprindo o primeiro mandato. No PFL, está circulando um documento preconizando a dissolução da Aliança Democrática, firmada com o PMDB e, em caráter suprapartidário, está sendo tentada uma articulação das lideranças de todos os partidos, na busca de um programa mínimo para retirar o país da crise econômica.

Aqui está um quadro geral sobre os agrupamentos existentes entre os constituintes e as dificuldades para a viabilização de tais movimentos.

Brandão busca saída e mobiliza pequenos

A articulação suprapartidária para um programa mínimo capaz de atenuar a crise econômica foi iniciada pelo líder do PDT na Câmara, Brandão Monteiro, que reuniu na sua residência, quinta-feira, um grupo de oito parlamentares e com eles voltou a conversar ontem. Participaram do primeiro encontro, além de Brandão, os líderes do PCB, Roberto Freire; do PC do B, Haroldo Lima; do Partido Liberal, Aroldo de Oliveira; o vice-líder petista José Genoino; o vice-líder pedetista Vivaldo Barbosa e os peemedebistas Miro Teixeira e Maurílio Ferreira Lima.

Brandão explicou que decidiu mobilizar as lideranças dos pequenos partidos, na busca de uma saída para a crise, preocupado com a passividade do PMDB e do PFL diante do agravamento da situação nacional. Ainda segundo o líder do PDT, a repercussão do encontro realizado na sua residência fez com que o presidente do PMDB, Ulysses Guimarães, passasse a se interessar pela articulação dos pequenos partidos, principalmente depois que o presidente Sarney dela tomou conhecimento através do deputado Maurílio Ferreira Lima.

De negativo para a harmonia do grupo, Brandão se mostra inconformado com a versão de que os mesmos parlamentares que estiveram na sua casa procuraram o governador de Pernambuco, Miguel Arraes, para sondá-lo quanto à possibilidade de liderar a articulação de um programa mínimo para a sucessão presidencial. O líder pedetista disse que a sucessão presidencial não foi debatida na reunião de quinta-feira, entendendo que a informação foi "plantada nos jornais", com prejuízos ao movimento.

Líderes desarticulam 'Centro Democrático'

Articulado pelos deputados Expedito Machado, do Ceará, Borges da Silveira, do Paraná, e Marcos Lima, de Minas, o "Centro Democrático" surgiu mês passado, com dois objetivos admitidos na época: condenar a tendência centralizadora da cúpula peemedebista e dar apoio ao presidente Sarney, diante da hesitação do conjunto do partido quanto à sustentação do governo.

Preocupado com os efeitos externos da desagregação partidária, o presidente do PMDB, Ulysses Guimarães, intensificou, há uma semana, trabalho de desarticulação do grupo, tarefa em que se empenharam os líderes Luiz Henrique e Carlos Santana.

O próprio presidente Sarney estaria interessado em evitar uma rebelião mais ostensiva entre os peemedebistas, para não agravar o seu frágil esquema de sustentação no Congresso. Sintomaticamente, foi após um encontro com o presidente Sarney que os articuladores do grupo admitiram, quinta-feira passada, a possibilidade de o documento que vinha sendo anunciado há duas semanas ficar restrito ao âmbito partidário.

Esse documento, segundo Expedito Machado, teria reunido o apoio de 107 deputados, mas há informações de que, diante da reação de Ulysses, pelo menos 25 parlamentares já haviam retirado sua assinatura até quinta-feira.



Ulysses tem a sua "turma"

As "turmas" sempre existiram no Congresso, vinculadas a nomes de maior projeção. São grupos pequenos que têm convivência mais intensa com dirigentes partidários ou figuras carismáticas, procurando influenciá-los politicamente ou mesmo com interesses meramente pessoais. Atualmente, são duas as "turmas" melhor configuradas: a do presidente da Câmara, da Constituinte e do PMDB, Ulysses Guimarães, e a do líder Mário Covas.

Em relação a Ulysses, há um frequente erro de definição. Políticos que frequentam sua casa ou gabinete muitas vezes são chamados de "os amigos do dr. Ulysses". Nem sempre, contudo, a qualificação é procedente. O "dr. Ulysses" na realidade é homem de poucas amizades e de grande rotatividade nos seus relacionamentos ou na sua chamada "turma do poire". Agora, que é homem do poder, a turma dele inclui, como figuras centrais, dois ministros: Renato Archer, da Ciência e Tecnologia, e Rafael de Almeida Magalhães, da Previdência. Entre os constituintes, figuram os senadores Severo Gomes e Mauro Benevides e os deputados Egidio Ferreira Lima, Pimenta da Veiga, Herálito Fortes, Prisco Viana e Fernando Gasparian.

A turma de Mário Covas inclui



Ulysses: poucas amizades

velhos e novos admiradores: o velho amigo senador José Richa e os deputados Robson Marinho, Antônio Perosa, Paulo Macarini, Miro Teixeira e Antônio Brito.

O deputado paraense Euclides Scalco circula com facilidade nas duas turmas.

"Nacionalistas" contra o imobilismo

O "Movimento Nacionalista de Unidade Nacional" é encabeçado pelos senadores peemedebistas Aluisio Bezerra, do Acre, e Mansueto Lavor, de Pernambuco, reunindo parlamentares de todas as tendências do partido. O manifesto do Movimento foi lançado quinta-feira, destacando a preocupação dos signatários com o "imobilismo do governo da Aliança Democrática" e do próprio PMDB diante da crise nacional. Os "nacionalistas" propõem "efetiva e imediata execução da reforma agrária; distribuição imediata dos atuais excedentes da safra agrícola às famílias pobres e aos desempregados"; o aprofundamento da moratória e da utilização dos recursos que seriam transferidos para o pagamento da

dívida externa, a fim de serem aplicados na construção de mais escolas, hospitais e moradias para as populações de baixa renda".

E mais: recusa à recessão imposta pelo FMI; fixação da eleição direta para presidente da República e sua respectiva data; desvinculação do Cruzado com dólar.

Ano passado, por iniciativa do deputado peemedebista Osvaldo Lima Filho e do ex-deputado Alencar Furtado, já havia sido constituída a "Frente Parlamentar Nacionalista", com iniciativa basicamente semelhante aos do "Movimento". A Frente reuniu mais de 100 assinaturas de parlamentares do PMDB, PDT, PT e PTB, mas não prosperou.

Esquerda sob ceticismo

"Qual a esquerda? A do Brito? A do Maurílio ou a do Miro?" Carregada de ironia, a pergunta do peemedebista Hélio Duque, do Paraná, é muito reveladora do ceticismo que existe na esquerda do PMDB quanto às dificuldades para sua aglutinação e retrata a imprecisão do que se convencionou chamar de corrente progressista do partido, algo no momento estimado em cerca de 60 parlamentares.

Duque não detalhou as razões pelas quais citou os nomes por ele indicados, mas é fácil explicar. O "Brito" a que ele se referiu é o peemedebista gaúcho Antônio Brito, porta-voz do falecido presidente Tancredo Neves. Em torno desse constituinte, os jornais têm cometido um equívoco. Desde que ele chegou ao Congresso, é citado como uma das expressões da "esquerda gaúcha" e foi chamado até de xiita quando se integrou ao efêmero grupo Pró-Soberania. Na realidade, antes de obter o mandato, Brito nunca foi conhecido no meio profissional como alguém de inclinação esquerdista, tendência desconhecida até por antigos companheiros de profissão.

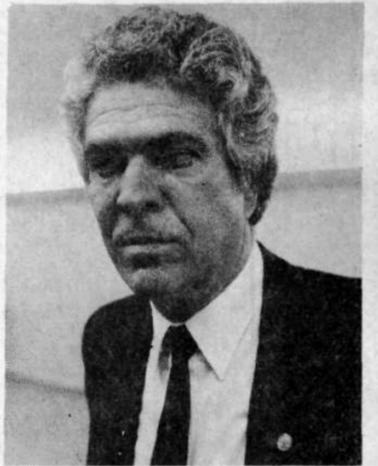
Miro Teixeira é originário do "chaguismo". Era, no início dos anos 70, um jovem parlamentar da confiança do então governador Chagas Freitas, do Rio, que, por sua vez, tinha a confiança dos militares, embora formalmente fosse filiado ao MDB. Em Brasília, Miro mantinha ligações com os líderes moderados Tancredo Neves e Thales Ramalho. Anos atrás, rompeu com Chagas, candidatando-se a governador e passando a transitar com alguma desenvoltura nas diferentes correntes do PMDB.

Lobby do Nordeste é suprapartidário

Os constituintes do Nordeste organizaram um bloco que, segundo um dos seus articuladores, deputado Albérico Cordeiro (PFL-AL), envolve todos os 150 representantes da região na Constituinte, sem distinção de partido. Mais realista, outro coordenador, deputado Lúcio Alcântara (PFL-CE), prefere fixar o número de integrantes do grupo em 80, pois foi esse o número dos que estiveram presentes a uma audiência com o presidente Sarney, no dia 23 do mês passado.

Na audiência, os nordestinos entregaram ao presidente um documento que consubstancia os objetivos do bloco, incluindo o revigoramento da política de incentivos fiscais; a ampliação do crédito agrícola; a destinação ao Nordeste de pelo menos 30% dos recursos do FND; o fortalecimento do Banco do Nordeste; a expansão dos projetos de irrigação e, no geral, a redução da disparidade econômica entre o Nordeste e o Sul.

Parlamentares da Amazônia também procuram articular um bloco em defesa da região, mas há resistências ou desinteresses da parte de alguns deputados. O peemedebista paraense Gabriel Guerreiro, por exemplo, entende que os problemas da Amazônia devem ser tratados num contexto nacional, "sob a consciência da nação de que a Amazônia é uma região vital".



Costa promete melhor cobertura Força Nova luta por espaço na imprensa

Para aglutinar os constituintes do PMDB que estão cumprindo seu primeiro mandato federal, o mineiro Hélio Costa, que foi repórter da TV Globo, expediu, semana passada, cerca de 100 convites (embora os novos sejam mais de 300), e deu o título ao grupo: "Força nova". Atenderam ao convite apenas 20 deputados. Nessa primeira reunião, na noite de quinta-feira, a queixa predominante foi quanto ao alijamento dos novos na direção da Câmara e das comissões da Constituinte, bem como no noticiário da imprensa. Por sua vinculação ao meio, Hélio prometeu entrar em contato com jornalistas e com emissoras de televisão, para pedir maior cobertura aos parlamentares de primeiro mandato. Também ficou de interceder para que o presidente Sarney receba mais os constituintes novos.

O deputado baiano Joaci Goes, empresário e proprietário da Tribuna da Bahia, mostra-se desencantado, dizendo que às vezes se indaga porque está no Congresso e porque não vai para as suas "belas terras" em Porto Seguro. Mesmo assim, demonstrou disposição de colaborar com os seus companheiros novos e de contribuir para a moralização da Câmara, onde — afirmou — existe "corrupção e empreguismo".